

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Em meu nome e em nome da ANJE, quero antes de mais agradecer o convite para participar nesta audição pública. Creio que esta iniciativa se reveste da maior importância, na medida em que é uma oportunidade – e elas são tão escassas! – de reflectir sobre políticas de juventude. Acresce que esta reflexão é feita num local emblemático da nossa Democracia e reunindo personalidades de reconhecida idoneidade.

Por tudo isto, é uma honra estar aqui. Há pois que aproveitar a ocasião e contribuir para um debate elevado sobre os problemas, expectativas, potencialidades e desafios dos nossos jovens. Esta é a nossa intenção aqui hoje. Até porque falta em Portugal uma ampla discussão sobre políticas de juventude, designadamente sobre as que têm em vista o acesso ao emprego, à iniciativa empreendedora e à actividade empresarial.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A ANJE foi pioneira em Portugal no incentivo ao empreendedorismo jovem, o que para nós constitui – simultaneamente – um orgulho e uma grande responsabilidade. E por ser uma grande responsabilidade, a nossa associação continua a assumir como seu principal desígnio estimular a “cultura de risco” entre a juventude. Para tanto, a ANJE rubricou protocolos com instituições de ensino para acções de formação em empreendedorismo. Criou uma bolsa de inserção no mercado de trabalho para jovens altamente qualificados. Organiza anualmente concursos de ideias para estudantes. E promove com regularidade, em faculdades e liceus, *road-shows* de sensibilização para o espírito empreendedor.

Actualmente, a ANJE concentra muitos dos seus esforços na promoção do empreendedorismo qualificado. Ou seja, num empreendedorismo que tem por base o conhecimento e que procura gerar valor acrescentado a partir da criatividade, da investigação científica e da sofisticação tecnológica. Isto significa que estamos a criar condições para que os jovens portugueses desenvolvam o seu *brainware* e para que o apliquem em projectos empresariais inovadores, com potencial competitivo e vocação internacional.

Neste quadro, ANJE disponibiliza infra-estruturas adequadas às áreas de negócio da economia do conhecimento e desenvolveu uma rede de *networking* entre empreendedores e investidores, de forma a facilitar o financiamento de negócios que necessitam de capital inicial elevado. Por outro lado, estamos a apoiar *start-ups* inovadoras através de serviços de

consultoria nas áreas da gestão, da investigação científica, do desenvolvimento de produto, da transferência de tecnologia e do registo de patentes.

Simultaneamente, a ANJE promove a internacionalização de empresas vocacionadas para o mercado externo. E fá-lo através de missões empresariais em mercados atractivos ou prestando serviços que facilitem a eliminação de barreiras logísticas, fiscais, culturais, linguísticas ou outras.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

O empreendedorismo é sem dúvida um meio bastante eficaz de gerar investimento, estimular a procura, criar postos de trabalho e aumentar a confiança dos agentes económicos. Além disso, os grandes exemplos de inovação surgem normalmente associados a projectos de empreendedorismo da economia do conhecimento.

Em Portugal, temos hoje *start-ups* bastante inovadoras e tecnologicamente avançadas que desenvolvem I&D de ponta, envolvem recursos humanos altamente especializados e apresentam grande potencial de internacionalização. Ora muitas destas PME inovadoras foram fundadas por jovens empreendedores, que aplicaram o seu conhecimento técnico em empresas de base tecnológica.

Neste contexto, urge criar em Portugal um ambiente propício ao empreendedorismo. E isso passa por tornar o sistema fiscal menos pesado, complexo e instável. Por uma redução dos custos de contexto da actividade empresarial. Por uma melhor adequação dos incentivos públicos à realidade das *start-ups*. Pela promoção de um ensino que estimule o espírito empreendedor. Por uma maior proximidade entre universidades e empresas. Por uma legislação laboral mais flexível. Pela diminuição da burocracia. E por uma maior celeridade na aplicação da justiça.

Em face deste panorama,

- É importante promover o empreendedorismo no seu sentido mais lato. O espírito empreendedor deve ser considerado, não apenas como um mero predicado empresarial, mas sobretudo como uma atitude perante a vida. E por conseguinte, algo que deve ser ensinado aos mais novos e estimulado nos adultos.
- É importante aumentar a qualificação dos nossos empreendedores, através de ensino pós-graduado e de formação contínua.

- É importante adequar a oferta de formação superior às necessidades do mercado laboral, de forma a travar o crescente desemprego entre os jovens licenciados e a superar a carência de quadros qualificados em áreas importantes para a actividade das empresas.
- É importante recuperar os sistemas do IEFP para o emprego menos qualificado, bem como as medidas de auto-emprego que o mesmo instituto promovia. O desemprego é dos mais graves problemas que enfrenta a nossa juventude, tornando-se por isso imperioso facilitar a entrada no mercado de trabalho.
- É importante criar um novo enquadramento para os sistemas de incentivo para jovens empreendedores. O financiamento público deve abarcar as despesas elegíveis imputáveis desde a formulação da ideia empresarial à sua concretização efectiva, passando ainda pela elaboração do plano de negócios.
- É importante igualmente o desenvolvimento, dentro do COMPETE, de medidas de apoio de âmbito mais alargado para jovens empreendedores, designadamente para facilitar a criação de empresas em áreas de inovação.
- Por fim, é importante desdramatizar o insucesso empresarial. Em Portugal ainda existe um estigma muito pesado sobre aqueles que, por diferentes motivos, não são bem sucedidos nos negócios. Ora não só falhar não tem nada de vergonhoso como é natural no trajecto de um empreendedor, devendo por isso ser encarado sem complexos.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A ANJE preconiza uma forte aposta num paradigma económico assente no conhecimento científico e tecnológico. Contudo, a transição de uma sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento exige empresários adequados ao novo paradigma económico. Empresários que encarem o mercado como global. Empresários que sejam criativos e inovadores. Empresários que dominem as tecnologias de informação e comunicação, bem como o inglês enquanto língua franca. Empresários que apostem na inovação, investigação e desenvolvimento. E empresários que não esqueçam as suas responsabilidades sociais, assim como os seus deveres de preservação ambiental.

Neste sentido, importa actuar preferencialmente junto das novas gerações, envolvendo quatro grandes vectores: as universidades, os centros de I&DI, as empresas e as associações

empresariais. Do trabalho conjunto destes quatro vectores pode surgir uma geração de empreendedores altamente especializados e por isso capazes de actuar em sectores de grande valor acrescentado, de gerar emprego qualificado e de aumentar a produtividade nacional.

Dito isto, a grave situação económica que o país atravessa não pode servir de pretexto para aumentar a carga fiscal sobre as empresas, para retirar apoios ao empreendedorismo e para ignorar as dificuldades do sector exportador. Pelo contrário: a consolidação orçamental e o endividamento externo só têm solução com políticas de estímulo à produção de bens transaccionáveis, à captação de investimento externo, à internacionalização das nossas empresas e à dinamização do sector exportador.

A ANJE compreende a necessidade das medidas de austeridade. Mas é o investimento privado que de facto gera riqueza, postos de trabalho e competitividade. Assim sendo, Portugal necessita de uma verdadeira aposta no empreendedorismo, de forma a evoluir para um paradigma económico baseado, já não na procura, mas sim na oferta.

Muito obrigado.

Ana Cristina Rodrigues  
Directora Executiva ANJE-LVT